Rede de Computadores - Trabalho Prático nº 4 Protocolo IPv4 - Datagramas *IP* e Fragmentação

William Sousa, Manuel Maciel e Rui Santos

Universidade do Minho, Departamento de Informática, 4710-057 Braga, Portugal e-mail: {a61029,a68410,a67656}@alunos.uminho.pt

Resumo Neste relatório, iremos propor respostas para as perguntas da ficha de trabalho prática nº 4 que foi realizada no âmbito da unidade curricular de Redes de Computadores, lecionada no ano lectivo 2015/2016 do Mestrado Integrado de Engenharia Informática, portanto, toda a estrutura de perguntas e respostas, presentes neste relatório, irão de encontro ao que foi pedido e/ou fornecido nessa ficha prática. Acreditamos, que as perguntas e respostas aqui apresentadas, de uma forma geral, ajudam a compreensão e análise de muitos conceitos relacionados com as redes de computadores, nomeadamente do nível 3 do modelo OSI[1] (i.e., camada de rede) com especial atenção ao protocolo *IP* que é o principal protocolo de comunicação usado no usado no *Internet protocol suite*[2] para garantir o envio dos *datagrams* através de uma rede *TCP/IP*.

1 Introdução

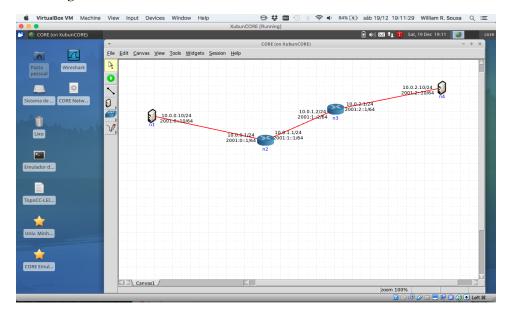
"A camada de rede desempenha um papel central da arquitetura TCP/IP, já que todos os protocolos das camadas superiores assentam na utilização do seu protocolo chave: o *Internet Protocol (IP)*. Como principais funções dessa camada destaca-se o endereçamento e o encaminhamento, essenciais para o funcionamento da Internet."[4] Vamos abordar ao longo desse relatório sobre os principais aspectos e funções associadas ao protocolo *IP* que são essencialmente a fragmentação, "reassemblagem" de pacotes e o encaminhamento. No entanto, é importante referir que o protocolo *IP* não garante a transferência fiável de pacotes e que funciona em modo de ausência de ligação.

A não garantia da transferência fiável de informação significa que este protocolo não executa quaisquer operações de detecção e recuperação de, eventuais, erros que possam ocorrer no envio dos pacotes, portanto é normal referir que o protocolo *IP* suporta um serviço de entrega de pacotes em modo de melhor esforço (*best effort*).

O modo de funcionamento em ausência de ligação (connectionless mode) está relacionado com o facto de não ser mantido qualquer informação de estado acerca do fluxo de datagramas, ou seja, cada pacote IP é encaminhado na rede de forma independente dos outros, que o precederam.

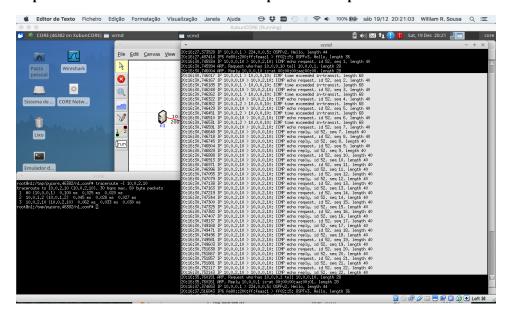
2 Captura de tráfego IP

2.1 Prepare uma topologia *CORE* para verificar o comportamento do traceroute. Ligue um host n1 a um router n2; o router n2 a um router n3 que, por sua vez, se liga a um host n4:



Active o Wireshark ou o tcpdump no nó 1. Numa shell de n1, e execute o comando traceroute -1 para o endereço IP do host n4.

Registe e analise o tráfego *ICMP* enviado por n1 e o tráfego *ICMP* recebido como resposta. Comente os resultados face ao comportamento esperado



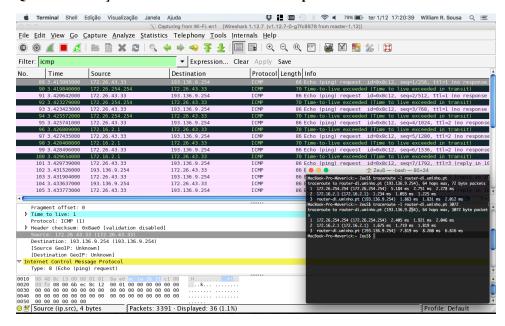
A rotina traceroute utiliza pacotes "ICMP echo request' para determinar a rota entre a origem e destino. Para além disso, utiliza TTLs incrementais a cada envio de três pacotes, utilizando como valor inicial TTL=1. Qualquer router que apanhe um pacote com um

TTL=1 "descarta-o" e envia como resposta, ao $destino\ do\ pacote\ uma\ mensagem\ do\ tipo\ "ICMP\ exceeded\ in-transit". No nosso caso, analisando os <math>outputs$ fornecidos pelo CORE temos que os primeiros três pacotes enviados a partir do host n1 tem um $time\ to\ live\ (TTL)$ igual apenas um salto, logo não conseguem "chegar" ao primeiro router, neste caso o n2; os próximos três pacotes enviados por n1 possuem um $time\ to\ live\ (TTL)$) igual a dois saltos, logo conseguem alcançar pelo menos o segundo router da rede, neste caso o n3. Portanto só a partir do $7^{\rm o}$ pacote enviado por n1, ou seja quando o $TTL \geqslant 3$, e que os pacotes conseguem chegar ao destino pretendido, i.e. ao host n4, só nessa altura e que é recebido uma mensagem do tipo ICMP echo reply. Relativamente ao output fornecido pelo comando traceroute, estes referem-se ao tempo que demora aos pacotes a chegar ao destino, também conhecido como $output\ tipe\ delay\ time\ (RRT)$.

Qual deve ser o valor inicial mínimo do campo TTL para alcançar o destino n4? Qual o tempo médio de ida-e-volta (RTT - round-trip time) obido? Tal como referido anteriormente o TTL mínimo para que n1 consiga alcançar n4 é de três unidades, ou seja, $TTL \geqslant 3$. Relativamente ao tempo médio de ida-e-volta é fornecido pela seguinte expressão: (0.062+0.033+0.030)/3=0.041667ms. É de notar que o primeiro tempo RTT correspondente, ao primeiro salto de ida-e-volta e pode demorar mais, como é o caso, porque ainda não se sabe quais os endereços MAC do destino, e por sua vez pode ter que fazer consultas nas tabelas ARP, como é possível ver na imagem acima fornecidas.

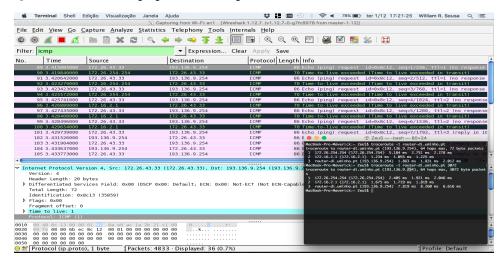
2.2 Pretende-se agora usar o traceroute na sua máquina nativa e gerar de datagramas IP de diferentes tamanhos. Exemplo: %traceroute -I router-di.uminho.pt 2500

Qual é o endereço IP da interface ativa do seu computador?



Como se pode, trivialmente, verificar pela imagem acima fornecida o endereço *IP* da minha interface activa é o 172.26.43.33.

Qual é o valor do campo protocolo? O que identifica?

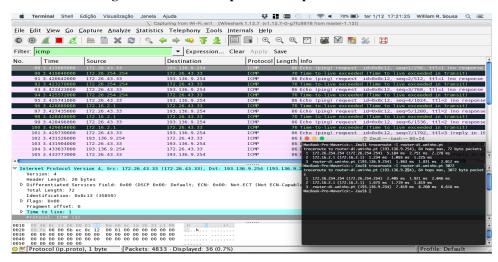


O valor do protocolo ICMP é o 0x01, como se pode verificar com a imagem acima.

Quantos bytes tem o cabeçalho IPv4? Quantos bytes tem o campo de dados(payload) do datagrama? Como se calcula o tamanho do payload? O tamanho do cabeçalho do IPv4 é de 20 bytes. O tamanho do campo de dados, do datagrama é de 52 bytes, esse valor é dado pela seguinte expressão : payload = total - header em que o total = 72bytes e header = 20bytes.

O datagrama IP foi fragmentado? Justifique. Não poque o offset é 0, logo é o primeiro fragmento do PDU, e o a flag tem valor 0, logo não há mais fragementos, tornando-o único, ou seja, não foi fragmentado. E é normal que não o seja, pois o traceroute envia pacotes por defeito com um valor que não necessita de ser fragmentado.

Ordene os pacotes capturados de acordo com o endereço IP fonte (e.g., selecionando o cabeçalho da coluna *Source*), e analise a sequência de tráfego *ICMP* com base no IP gerado na sua máquina. Quais os campos do datagrama IP cujo valor muda sempre na série de mensagens *ICMP* enviadas pelo seu computador?



O valor do campo identificação é o 0x8c17, o campo TTL, que incrementa de 1 em 1, varia até 3; e o campo $header\ checksum$ é sempre calculado em cada salto, e esse valor muda pois o TTL é um campo variável. Existem ainda dois tamanhos possíveis para cada PDU, 86 ou 126 bytes.

Que campos se mantêm constantes? Que campos se devem manter, preferencialmente, constantes? Justifique. Os campos que se mantém constantes são: version, header, length, differentiated services field, protocol, source, destination, flags e o more flags. Os campos que devem, preferencialmente, se manterem constantes são os campos flags e o fragment offset, pois estes se mudam-se estaríamos, erradamente, a fragmentar o datagrama.

Observa algum padrão nos valores do campo de Identificação do datagrama IP? Sim, o valor do campor identificação é incrementado uma unidade a cada novo request.

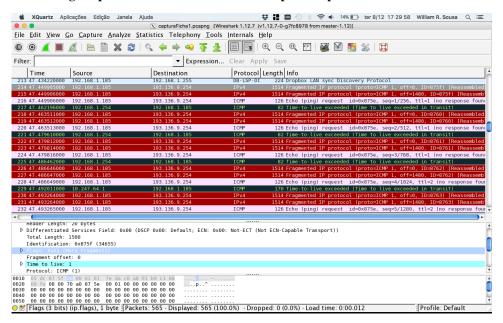
A seguir (com os pacotes ordenados por endereço destino) encontre a série de respostas *ICMP TTL exceeded* enviadas ao seu computador pelo primeiro router. Qual é o valor dos campos Identificação e *TTL*?



Datagrama 90: identificação é 0x9634 e TTL=255. Datagrama 92: identificação é 0x9635 e TTL=255Datagrama 94: identificação éi 0x9636 e TTL=255

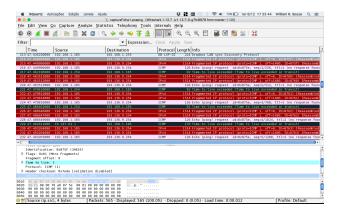
Esses valores permanecem constantes para todas as mensagens de resposta *ICMP TTL* exceeded enviados pelo primeiro router ao seu host? Porquê? O campo de identificação muda, pois o pacote não está fragmentado logo os pacotes enviados têm identificadores únicos. O *TTL* permanece constante com valor de 255hops.

2.3 Pretende-se agora analisar a fragmentação de pacotes IP. Reponha a ordem do tráfego capturado usando a coluna do tempo de captura

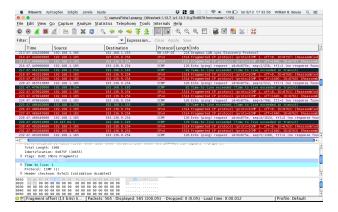


Localize a primeira mensagem *ICMP* depois do tamanho de pacote ter sido definido em 3072bytes. A mensagem foi fragmentada? Porque é que houve (ou não) necessidade de o fazer? A trama em análise na imagem, correspondente ao datagrama 214, indica que houve de facto fragmentação porque apesar do *offset* estar a zero, a *flag more fragments* está activa. Existiu a necessidade der fragmentar o pacote porque o comprimento definido do MTU foi de 3000bytes que excede a capacidade da infraestrutura de rede, que interliga os routers, usada foi o *ethernet* que tem um limite de MTU com 1500bytes.

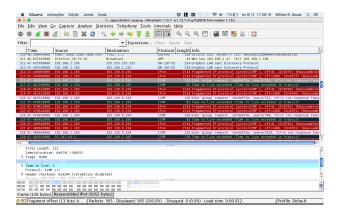
Imprima o primeiro fragmento do datagrama IP segmentado. Que informação no cabeçalho indica que o datagrama foi fragmentado? Que informação no cabeçalho IP indica que se trata do primeiro fragmento? Qual é o tamanho deste datagrama IP? A informação que indica se o datagrama foi fragmentado é o par fragmentation flag que está a um, indicando que o datagrama deve ser fragmentado e o offset que indica em que posição do pacote esse datagrama se refere, neste caso o offset está a 0 o que indica que se trata do primeiro datagrama do pacote fragmentado. O tamanho do datagrama é de 1480 bytes que é o limite do MTU (1500 bytes) menos o overhead (20 bytes).



Imprima o segundo fragmento do datagrama IP original. Que informação do cabeçalho IP indica que não se trata do 1º fragmento? Há mais fragmentos? O que nos permite afirmar isso? Não se trata do 1º pacote pois o offset não é 0. Ainda, existe pelo menos mais um fragmento pois a flag more fragments está a 1.



Quantos fragmentos foram criados a partir do datagrama original? Como se detecta o último fragmento correspondente ao datagrama original? Foram criados, a partir do datagrama original, três fragmentos. O último fragmento correspondente verifica-se quando a *flag more fragments* é zero. E no datagrama original é feito uma "reassemblagem", neste caso no terceiro datagrama, do datagrama original.

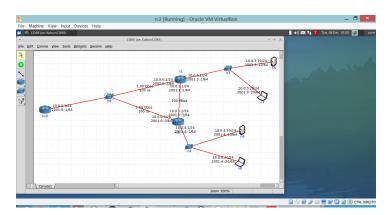


Indique, resumindo, os campos que mudam no cabeçalho *IP* entre os diferentes fragmentos, e verifique a forma como essa informação permite reconstruir o datagrama original. Os campos que alteram no cabeçalho IP são os campos: *more fragments* e *fragment offset*. Para se obter o datagrama original ("reassemblagem") basta consultar esses dois campos, tal como explicado anteriormente, pois conseguimos sempre identificar qual o primeiro e o último fragmento (e consequentemente os intermédios) e com o aúxilio do campo *offset* a sua posição relactiva ao datagrama original.

3 Endereçamentoe Encaminhamento IP

3.1 Atenda aos endereços *IP* atribuídos automaticamente pelo *CORE* aos diversos equipamentos da topologia.

Indique que endereços *IP* e máscaras de rede foram atribuídos automaticamente pelo *CORE* a cada equipamento. (Pode incluir uma imagem que ilustre de forma clara a topologia e o endereçamento).



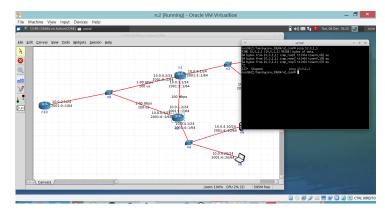
Como os endereços IP são /24 a máscara de rede correspondente é o 255.255.255.0.

Equipamento	Endereço IP	Rede	Máscara de Rede
Router Saída (n10)	10.0.0.1	10.0.0.0	255.255.255.0
Router Departamento X (n1)	10.0.0.2	10.0.0.0	255.255.255.0
Router Departamento X (n1)	10.0.1.1	10.0.1.0	255.255.255.0
Router Departamento X (n1)	10.0.3.1	10.0.3.0	255.255.255.0
Router Departamento Y (n2)	10.0.0.3	10.0.0.0	255.255.255.0
Router Departamento Y (n2)	10.0.1.2	10.0.1.0	255.255.255.0
Router Departamento Y (n2)	10.0.4.1	10.0.4.0	255.255.255.0
Host Departamento X (n5)	10.0.3.10	10.0.3.0	255.255.255.0
PC Departamento X (n7)	10.0.03.20	10.0.3.0	255.255.255.0
Host Departamento Y (n6)	10.0.4.10	10.0.4.0	255.255.255.0
PC Departamento Y (n8)	10.0.4.20	10.0.4.0	255.255.255.0

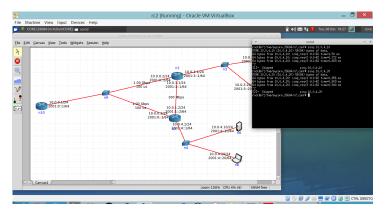
Tratam-se de endereços públicos ou privados? Porquê? São endereços privados, pois estão dentro dos blocos atribuídos para intranets privadas, ou seja, sem conectividade *IP* global. Não devem, portanto, ser visíveis e não são encaminhadas para a Internet. Estes blocos são os seguintes [192.168.0.0; 192.168.255.255],[172.16.0.0; 172.16.255.255], [10.0.0.0; 10.255.255.255]. Como os endereços *IP* atribuídos na rede estão dentro da gama [10.0.0.0; 10.255.255.255] podemos afirmar que são endereços privados.

Porque razão não é atruibuído um endereço aos *switches***?** Não são atribuídos endereços *IP* aos *switches*, pois estes são apenas comutadores de rede que operam ao nível físico e a cada porta está associado um domínio de colisão diferente, ou seja, não trata de um alternado de canais segundo uma logíca qualquer implementada, por outras palavras não encaminha nenhum datagrama na rede.

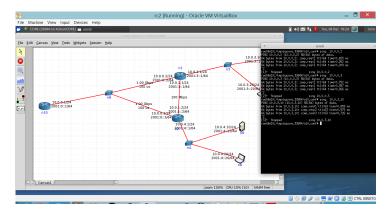
Usando o comando ping certifique-se que existe conectividade total entre os sitemas em ligados em rede (basta certificar a conectividade para uma interface de cada rede). Ping a partir de n2:



Ping a partir de n7:

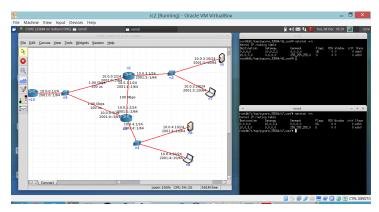


Ping a partir de n10:



3.2 Para o router e um laptop de um dos departamentos:

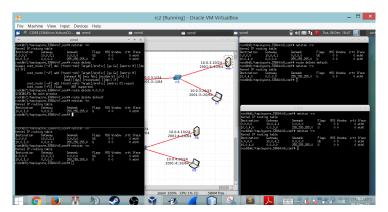
Execute o comando netstat -rn por forma a poder consultar a tabela de encaminhamento *unicast (IPv4)*. Inclua no seu relatório as tabelas de encaminhamento obtidas; interprete as várias entradas de cada tabela. Se necessário, consulte o manul respectivo (man netstat).



Destination corresponde ao destino, *Gateway* é o endereço do proximo salto a ser usado para chegar ao destino, *Genmask* indica a máscara de rede e a *flag* indica, neste caso, que o endereçamento *IP* é dinâmico, *mss* e *windows* indicam tamanhos para conexões *TCP*, neste caso ilimitadas, o *irtt* (*inicial round trip time*) é uma estimativa e por fim o *Iface* é a porta a ser usada.[3]

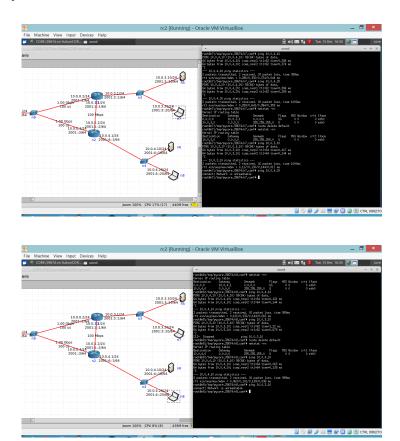
Diga, justificando, se está a ser usado encaminhamento estático ou dinâmico O endereçamento é dinâmico, pois a *flag* é U; se fosse estático teria o valor S.

Adimita que, por questões administrativas, a rota por defeito (0.0.0.0 ou default) deve ser retirada das tabelas de encaminhamento dos *laptops* de cada departamento. Use o comando route delete para o efeito. Como é afectada a conectividade *IP* para cada um dos servidores. Justifique. Ao ser removida a rota por defeito eliminamos a possibilidade de encaminhar pacotes para qualquer rede que não esteja na tabela de encaminhamento, dessa forma, eliminamos por exemplo a possibilidade de conexão com o exterior atráves da Internet.

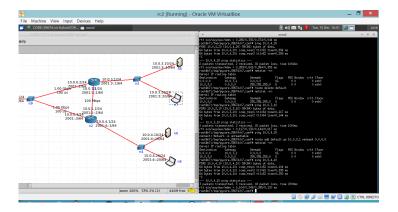


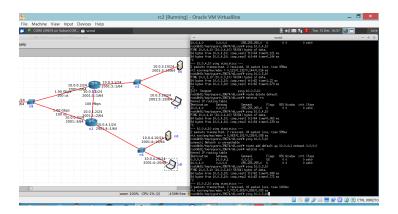
Adicione as rotas estáticas necessárias para repor a conectividade entre os departamentos. Utilize para o efeito o comando route add. Registe o comando completo que usou. Teste a nova política de encaminhamento garantido que ambos os servidores estão acessíveis, utilizando para o efeito o comando ping. Inclua as novas tabelas de encaminhento dos laptops O comando utilizado foi o route add -net 10.0.1.0 gw 10.0.0.1 netmask 255.2555.255.0 dev eth0 que adiciou a rota estática para a sub-rede 10.0.1.0 utilizando como destino no salto (gateway) o endereço 10.0.0.1.

Laptop n7 e n8 antes de adicionar rota estática



Laptop n7 e n8 após rota estática e teste de conectividade

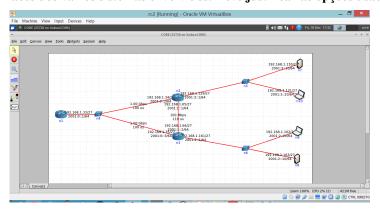




Que conclui face à actual conectividade externa e interna na empresa? A topologia da rede, após todas as alterações efectuadas, corresponde a uma rede fechada, ou seja, não possui conectividade com o exterior, portanto como a infrastrutura de rede da empresa, possui conectividade pelo menos interna, então corresponde a uma intranet.

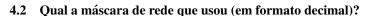
4 Definição de Sub-redes

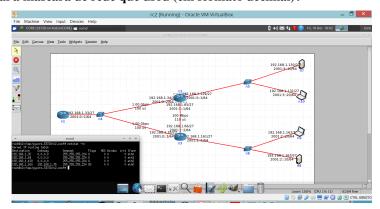
4.1 Assumindo que dispõe apenas de um único endereço de rede *IP* classe C 192.168.1.0/24, defina um novo esquema de endereçamento para as redes dos departamentos (mantendo a rede de core inalterada) e atribua endereços às interfaces dos vários sistemas envolvidos. Deve justificar as opções usadas.



Foi fornecido um prefixo de rede IP classe C correspondente a 192.168.1.0/24, logo temos 32-24=8bits para codificar a atribuição de endereços IP. Para além disso dispomos de 4 redes internas distintas na nossa infraestrutura. Para proceder à atribuição de endereços IP temos que conseguir identificar inequivocamente as redes internas, logo necessitamos de pelo menos 3 bits para esse efeito. Portanto, temos 3bits para identificar as sub-redes e 5bits para hosts/interfaces.

Como existem dois endereços reservados em cada rede a gama de valores, tanto das subredes omo dos respectivos hosts/interfaces não varia num intervalo contínuo. Deste modo as gamas de endereços possíveis para hosts/interfaces são : [192.168.1.33; 192.168.1.63] [192.168.1.65; 192.168.1.95] [192.168.1.97; 192.168.1.127] [192.168.129; 192.168.1.159] [192.168.161; 192.168.1.191] [192.168.1.193; 192.168.1.223], em que as subredes possíveis utilizando 192.168.1.0/27 são 192.168.1.32; 192.168.1.64; 192.168.1.96; 192.168.1.128; 192.168.1.160; 192.168.1.192.





A máscara a ser utilizar é a 255.255.255.224.

4.3 Com base no novo endereçamento, será possível ao encaminhador de saída anunciar um único prefixo de rede que agregue as redes dos departamentos?

Obviamente, uma vez que o endereço das redes de departamento são aquelas com o prefixo superior a 192.168.1.128/24.

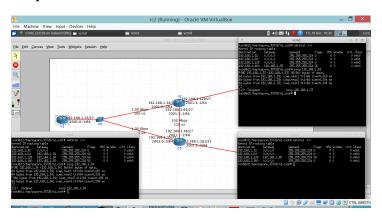
4.4 Que prefixo de rede pode ser anunciado para o exterior?

O prefixo 192.168.1.0/24.

4.5 Quantos host pode interligar em cada departamento?

Estamos a utiliziar 5bits para representar hosts/interfaces, no entanto os endereços correspondentes aos bits todos nulos ou todos a 1 estão reservados para identificar qualquer host e broadcast respectivamente; como tal restam $2^5 - 2 = 30$.

4.6 Garanta que conectividade IP entre as várias redes da filial é mantida.



5 Conclusão

Neste relatório que foi realizado com o intuito de propor respostas as perguntas apresentadas na ficha prática nº 4, no âmbito da unidade curricular de Redes de Computadores, acreditamos ter respondido de forma clara e bem fundamentada as questões aqui apresentadas, em que um dos principais objectivos era consolidar os conhecimentos teóricos relativos a camada de rede, nomeadamente o protocolo *IPv4*.

Utilizamos, tal como nas fichas práticas anteriores, o analisador de tráfego *Wireshark* para analisar os datagramas *IP*, focando-se essencialmente no seu cabeçalho e na possível fragmentação dos datagramas. Utilizámos também o *CORE* para poder virtualmente administrar e gerir uma rede e estudar de forma mais aprofundada a atribuição e o encaminhamento de endereços *IP*.

De uma forma geral, na primeira parte do relatório nos apercebemos das funções essenciais do protocolo *IP*, que são essenciais para o funcionamento da Internet que essencialmente, mas não só, funciona sobre o *TCP*. E numa segunda parte, estudamos como a atribuição de endereços pode, ou não, influenciar a conectividade e funcionamento, nomeadamente dos endereços *IP* a anunciar para o exterior de forma agregada, caso seja adoptada uma politica "inteligente" de atribuição de endereços, sendo possível tirar partido do *supernetting*.

Na primeira parte do relatório, utilizando o analisador de tráfego *Wireshark*, analisamos as mensagens *ICMP* (*Internet Control Menssagem Protocol*) que servem de protocolo diagnostico ao nível da rede, mais precisamente informa com base nos valores *TTL* se um pacote, foi ou não, entregue ao destino. Para álem disso, conseguimos ao longo da ficha consolidar os conhecimentos que tínhamos sobre os campos relativos ao cabeçalho *IPv4* e o seu respectivo *overhead*. Por fim, conseguimos compreender que dado os limites que

podem existir numa infraestruturas de rede, pode ou não, ser necessário fragmentar um pacote e proceder a sua respectiva "reassemblagem" no destino, estudamos como é possível e de que forma garantimos que entregamos o datagrama original no destino depois de fragmentado (com auxilio dos campos *more fragments* e *offset*).

Na segunda parte ao utilizar o *CORE* para consolidar os conceitos relativos ao encaminhamento e endereçamento *IP*. No caso do endereçamento, estudamos qual os papeis das máscaras de rede na resolução de endereços *IP*, como identificamos e quais as diferenças entre endereçamento estático e dinâmico, por fim em que medida e como podemos atribuir os endereços de forma a criar e tirar partido do *subnetting* na estruturação da rede, de acordo com os requisitos do administrador, para que possa ser otimizado, caso seja necessário, através de rotas o funcionamento da rede.

Referências

- 1. Wikipedia: OSI Model https://en.wikipedia.org/wiki/OSI_model (19/12/2015)
- 2. Wikipedia: Internet protocol suite: https://en.wikipedia.org/wiki/Internet_protocol_suite (19/12/2015)
- 3. Route Table: http://www.cyberciti.biz/faq/what-is-a-routing-table/
 (19/12/2015)
- 4. TCP/IP Teoria e Prática Fernando Boa Vida, Mário Bernardes Fernando Boa Vida, Mário Bernardes. ISBN: 978-972-722-745-7